



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VICTORIA RAMOS TAKAHACHI

A EXPERIÊNCIA EM DANÇA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CAMPINAS

2019



VICTORIA RAMOS TAKAHACHI

A EXPERIÊNCIA EM DANÇA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como requisito para conclusão do curso de Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dr^a Luciana Haddad Ferreira.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

T139e	Takahachi, Victoria Ramos, 1995- A experiência em dança na formação de professores / Victoria Ramos Takahachi. – Campinas, SP : [s.n.], 2019. Orientador: Luciana Haddad Ferreira. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Dança - Educação. 2. Formação continuada de professor. 3. Educação estética. I. Ferreira, Luciana Haddad. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Educação

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Banca examinadora:

Luciana Haddad Ferreira [Orientador]

Ana Maria Falcão de Aragão

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2019

A EXPERIÊNCIA EM DANÇA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Victoria Ramos Takahachi

Aprovado em 13/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Luciana Haddad Ferreira

(Orientadora)

Ana Maria Falcão de Aragão

(Segunda leitora)

E dentro da menina

A menina dança

E se você fechar o olho

A menina ainda dança

Dentro da menina

Ainda dança

Até o sol raiar

Até o sol raiar

Até dentro de você nascer

Nascer o que há!

(A menina dança- Luiz Galvão)

Dedico essa pesquisa a aquelas pessoas que assim como eu, se encantam com a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha avó por sempre confiar em mim, me incentivar em todos os meus sonhos. Por guiar meus passos até aqui e me acolher sempre.

A minha mãe, por me apoiar em meus estudos e me incentivar a fazer o que eu amo.

Ao Luca Poit, por toda parceria, por ter sido apoio fundamental, com quem pude compartilhar minhas angústias e alegrias. Pela escuta atenta, amor e carinho durante todo o caminho.

As minhas amigas Maiara Pedersen e Júlia Dumard, por todo o apoio, por terem sido abrigo, me darem as mãos e dizerem “vamos juntas” quando o caminho ficou difícil. Por sempre me acolherem, partilharem, me alegrarem e enriquecerem minha vida.

As minhas amigas da faculdade, Barbara Ceotto, Marina Geraldini, Analu Loesch e Bruna Moreira, pelas conversas, risadas, trabalhos eternos e discussões enriquecedoras.

As minhas amigas bailarinas, pelas vivências, pelos momentos de sentimentos compartilhados, por serem inspirações na minha vida.

As minhas colegas de turma com alma dançante, que compartilharam um pouquinho de si para mim e me mobilizaram a produzir essa pesquisa.

Ao Raul França, por ter sido tão querido, solícito, por me ensinar tanto e ser parceiro nos momentos como pesquisadora.

À Bia Vito, por todas as conversas, caronas e pela disponibilidade em me ajudar com essa pesquisa.

Ao Grupo Seletor, que me acolheu desde o primeiro dia, e me transformou.

A minha querida Ana Aragão, segunda leitora deste trabalho, pelas conversas, acolhida, amizade, colo, e pelo carinho de sempre. Por me ensinar tanto, me inspirar e me apoiar.

À Luciana Haddad Ferreira (Nana), orientadora deste trabalho, por ser inspiração, por estar sempre disposta e disponível, por ser incrível, e pela partilha do olhar sensível.

A todos que fizeram esses cinco anos serem mais fáceis de serem vividos e concluídos.

Àqueles que me encantam e fazem eu me apaixonar pela vida, muito obrigada!

RESUMO:

Considerando a experiência estética como um princípio para a formação integral do sujeito e as potencialidades da compreensão de mundo a partir de vivências pessoais, este trabalho se insere no campo da formação continuada docente, com foco na experiência estética, e tem como objeto de estudo as contribuições da experiência em dança na formação de professores. A partir das próprias indagações sobre seu percurso formativo, a pesquisadora-dançarina troca cartas com colegas de profissão que também tiveram sua trajetória marcada pela dança. A partir do diálogo instituído, mobiliza-se a reflexão, com o objetivo de compreender as contribuições da experiência em dança para a formação de professores, e refletir sobre a experiência estética como produtora de sentidos e do ser professor. As cartas trocadas foram analisadas com base nos pressupostos do paradigma indiciário, buscando suporte no referencial teórico da psicologia Histórico-Cultural, especialmente por meio das contribuições de Lev Semenovitch Vigotski, seus interlocutores e outros pesquisadores da atualidade. Como eixos de análise destacam-se diferentes aspectos que relacionam a arte e cultura com a formação continuada: dança como expressão, dança como processo de criação e dança como imersão cultural e social. A pesquisa aponta para a importância da educação estética dos professores de Educação Básica e reitera a urgência de se pensar em práticas formativas pautadas na arte, que considerem os contextos, as trajetórias de vida e valorizem os saberes produzidos coletivamente.

Palavras-chave: *Experiência em Dança, Formação Continuada de Professores, Educação Estética.*

Sumário:

Introdução:.....	11
Encontros no Meu Caminho:.....	15
Com quem eu danço:	22
Teoria Histórico- Cultural:	22
Experiência e Educação Estética:	27
Narrativas:	29
Os passos que me guiam:.....	32
Produção dos dados:	32
Análise dos dados:.....	33
Uma experiência:	35
Quando as cortinas se fecham:	40
Bibliografia:	42
Anexos:	44

Introdução:

Os primeiros passos de uma dança sempre trazem uma curiosidade para a plateia. O que vão dançar? Qual história os bailarinos vão contar? Em seguida, a fruição, a música toca, os corpos dançam e de repente quem assiste já faz parte. Assim começa essa pesquisa, para mim, que ora sou plateia, ora sou bailarina, não sei como termino, mas sei que já sou parte.

Minha história com a dança começou antes de entrar na faculdade, ali eu era bailarina. Ao entrar no curso de Pedagogia, em meio a tantos diálogos, reflexões e experiências, fui me constituindo também como professora. Desde o início da graduação, meu olhar sempre se voltou para como a dança poderia estar presente na docência.

Em meu primeiro semestre da graduação, cursei a disciplina de “Introdução a Pedagogia – Orientação ao Trabalho Pedagógico”, ministrada pela professora Ana Maria Falcão de Aragão. Entre as propostas da disciplina havia o registro poético, que se tratava de um registro semanal sobre a aula anterior que poderia ser feito a partir de múltiplas linguagens, como marca do encontro que tivemos. Essa experiência enfatizou a relevância de se refletir sobre a própria prática, e para mim, principalmente a indissociabilidade entre razão e sentimento. Pois ao passo que refletíamos, criávamos um registro sobre aquilo que ficou para nós, compartilhávamos com os outros e discutíamos teoricamente sobre esses processos. Sentíamos de múltiplas maneiras e assim aprendíamos.

Em meu terceiro ano de Pedagogia, fiz um intercâmbio para Portugal, durante seis meses. Nesse período pude visitar Reggio Emilia. Lá fiquei hospedada na casa de uma atelierista de uma creche da cidade, que compartilhou comigo algumas de suas vivências como educadora e me mostrou seus inúmeros registros, que, ao meu olhar, também poéticos, de seus alunos nos ateliês. Em uma de nossas conversas, ela me falou que fez faculdade de artes e nunca havia pensado em ser professora, mas que quando se viu nesse caminho, o seu ser artista foi resignificado. Em seguida, visitei o

centro Loris Malaguzzi e saí encantada com as possibilidades do encontro entre a Arte e a Educação.

Quando voltei ao Brasil, eu quis saber sobre minhas amigas de turma, que também dançavam e eram pedagogas em formação, como elas relacionavam as experiências que tinham na dança, em relação ao ser professora. Eu me questionava sobre isso, depois da minha experiência na Itália. Assim, fiz anotações, as guardei como um diário de bordo, que eu poderia voltar, ler, escrever e resignificar quando me inquietasse.

No final desse mesmo ano, comecei a participar do Grupo Seletor, nome afetivo do grupo de pesquisa de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, sob orientação da Prof. Dr^a Ana Maria F. de Aragão, que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da Faculdade de Educação. Poder participar desse grupo contribuiu diretamente com o meu olhar de professora em formação e pesquisadora, no sentido que as discussões e as pesquisas do grupo têm como princípios norteadores o professor reflexivo, o pesquisar a própria prática, o registro, o trabalho coletivo. Principalmente por conta da partilha, da troca e discussões entre as doutorandas, mestrandas e estudantes da graduação, a escolha de pesquisar algo que me tocasse o coração e fosse parte formativa do meu ser, foi um caminho que se tornou seguro neste grupo.

Inicialmente, meu trabalho de conclusão de curso seria sobre escolas inovadoras, mas entre conversas com colegas do grupo e um coração dançante, resgatei minhas anotações sobre aquilo que me transformava diariamente - a dança. Decidi mudar minha pesquisa. Fui conversar com a Nana, minha atual orientadora, que compreendeu meus anseios, pediu para que eu lesse sobre o assunto e escrevesse sobre minha trajetória antes de definirmos a pesquisa.

Durante esse processo, a pergunta que permanecia em mim era: como a dança também me constituiu como professora? Aquilo que vivenciei na dança e algumas discussões que tive durante a graduação, no curso de Pedagogia, me fizeram acreditar na indissociabilidade entre razão e sentimento. Assim, esse

estudo surge a partir de indagações sobre de que maneira meu olhar docente foi sendo construído e modificado a partir daquilo que eu vivi na dança.

Considerando a experiência estética como um princípio para a formação integral do sujeito e as potencialidades da compreensão de mundo a partir de vivências pessoais, esta pesquisa se insere no campo da formação de professores com foco na experiência estética e tem como objeto de estudo as contribuições da experiência em dança na formação continuada.

Partindo de minha própria trajetória e da constatação de que há poucas publicações que se propõem a articular dança e formação de professores, esse trabalho pretende ampliar e dar visibilidade ao campo de discussões sobre o tema, trazendo as experiências estéticas em dança como produtoras de sentidos para a professora. Para isso, resgatei meu diário de bordo, algumas cartas escritas por minhas colegas e produzi narrativas minhas para compor os dados desta pesquisa.

Para compreender melhor o trajeto da pesquisa, trago o *release* da obra:

Este texto está organizado em cinco capítulos. Primeiro, “*Encontros no meu caminho*”, apresento os encontros que tive durante minha trajetória até essa pesquisa que me constituíram como bailarina-professora-pesquisadora.

Em seguida, no capítulo “*Com quem eu danço*”, são apresentadas as principais vozes de pesquisadores com quem escolho dialogar e que por isso alicerçam e direcionam os conceitos fundamentais para a realização dessa pesquisa.

Em “*Os passos que me guiam*”, descrevo a escolha metodológica, o caminho da pesquisa e os procedimentos de produção e análise dos dados, conceituando o Paradigma Indiciário.

No quarto capítulo, “*Uma experiência*”, trago a análise dos dados, divididos em eixos de acordo com as temáticas relacionadas à pesquisa. Discuto, prioritariamente, sobre as narrativas por mim produzidas e entrecruzadas com as cartas das minhas colegas.

Por fim, no quinto capítulo, “*Quando as cortinas se fecham*”, apresento uma reflexão que organiza as lições por mim aprendidas com a experiência e escrever, narrar e rever todo um percurso de dança, de pesquisa e de docência.

Assim, convido você que está na plateia para assistir e sentir essa pesquisa, quem sabe logo você já não faz parte?

Encontros no Meu Caminho:

Neste capítulo te convido para um balé único, que dei o nome de “Encontros no meu caminho”, nele conto sobre como cheguei aqui. Acredito que cada história é única e segue uma única trajetória que poderia ser diversas outras, mas em cada canto, em cada escolha, em cada encontro, segue para uma direção única e especial. Os passos dessa dança foram contribuições minhas e das pessoas que se fizeram coreógrafas também da minha história.

Avó Maria:

Eu nasci na cidade de Campinas, na minha casa morava eu, minha mãe e minha avó. Eu sempre passei muito tempo com minha avó, Maria do Carmo, porque minha mãe trabalhava durante o dia todo. Maria é parte grande de minha formação, a principal companheira de meu caminho, professora de português e quem em meu início de vida guiou meu olhar para as pequenezas que a vida tem.

Ela fez uma biblioteca em nossa casa, disse que era pra mim. Nessa biblioteca tinha um tapete que me recebia todas as tardes e uma parede pintada com minhas mãos. Eu me perdia em tantas histórias contadas por minha avó, que mais tarde foram também lidas por mim. Esse quarto, onde se encontrava a biblioteca, ficava junto ao quintal de casa, lugar que era grande ao meu olhar de menina. Cada cantinho escondia uma surpresa, quando eu não percebia as sutilezas daquele espaço, Maria me chamava para notar. Naquele quintal, eu e minha avó plantávamos temperos e quase todos os dias ela pedia para que eu notasse a diferença das plantas, eram quase imperceptíveis, se fossem olhadas com rapidez talvez sumissem aos olhos, porém com calma as diferenças miúdas eram percebidas. Aquele espaço era um espaço de dúvidas, descobertas e possibilidades.

Minha avó sempre me fez dar valor às sutilezas da vida: um ato generoso, a delicadeza das plantas, a beleza da pequena joaninha, o sol que batia na horta, o prazer de deitar no tapete depois da escola, a sensação de

tinta na mão para carimbar a parede, entre outros inúmeros pequenos detalhes que existem no mundo.

Hoje quando estou na sala de aula, em meus estágios, converso com as crianças e mostro meu olhar miúdo, aprendido com minha avó. Elas me mostram os delas, que são diferentes do meu, mas que quando juntos mobilizam novos saberes e encantamentos e assim, percebemos que todos os dias algum detalhe ainda não foi percebido.

Dança:

Não me lembro quando comecei a dançar, provavelmente no útero da minha mãe, mas aulas de dança foram aos 14 anos, idade que muitos diziam ser tarde - fui mesmo assim. Escolhi uma escola perto de onde eu morava, me arriscando a fazer aulas de jazz. Nessa mesma época, eu me dedicava às aulas de futebol na escola e levava a dança como mais uma atividade extracurricular. Porém, no final daquele ano, viajei com a minha mãe e fomos assistir o balé “O Lago dos Cisnes”. Me encantei com a leveza das bailarinas, me emocionou e me tocou. Nesse dia, decidi que no ano seguinte eu gostaria de iniciar as aulas de balé. Minha mãe me apoiou e assim me envolvi um pouco mais nesse mundo encantado da dança. Com o passar dos anos, me envolvi mais com a dança, que passou a ocupar grande parte da minha semana.

A técnica clássica era difícil para mim, meu corpo não estava no padrão, eu havia começado a fazer aulas tarde, por isso minha prática se tornava difícil naquele espaço, porque eu não me encaixava. Mas ao mesmo tempo, eu sentia que dançar me preenchia de uma maneira que eu nunca havia experienciado antes. Nas aulas de dança contemporânea, eu me sentia completa, todas as questões que eu trazia dentro de mim se resolviam enquanto eu dançava. As dores que eu sentia se transformavam em movimentos e aos poucos elas não faziam parte de mim. Quando eu estava extasiada e minha euforia se transformava em movimentos, era como se eu não conseguisse dizer tudo aquilo que eu gostaria em palavras, mas dançando

era possível. Porém, nas aulas de balé clássico, esses sentimentos se misturavam com a angústia de não fazer perfeitamente a técnica, de não me encaixar no padrão, e assim, aquele sentimento de conseguir me expressar com a dança não acontecia nas aulas de balé, porque existia o certo e errado, diferentemente das aulas de contemporâneo, que apesar de ter uma técnica, a desconstrução do movimento também existia, possibilitando caminhos diversos. E eram nesses caminhos que eu me encontrava e conhecia novas partes de mim.

Durante minha trajetória na dança participei do grupo de competições da minha escola de dança, que era um grupo que ensaiava/fazia aulas todos os dias da semana, durante mais ou menos cinco horas por dia, e nos finais de semana competia em diversos festivais pelo país. Para mim, fazer parte desse grupo foi transformador e imensamente formativo, passei sete anos da minha vida fazendo parte, convivendo diariamente com as mesmas pessoas, em busca de um mesmo propósito: viver a dança.

Dentre as experiências que mais me mobilizaram durante esses sete anos, os momentos de decisões coletivas foram os principais dentro de minha formação, pois ali dentro, como bailarinos, tínhamos que tomar decisões que diziam respeito ao grupo, porém as escolhas sempre eram tomadas levando prioritariamente em consideração aquilo que achávamos que agradaria os diretores, tínhamos um falso poder de decisão, pois se a decisão fosse contrária a dos diretores, provavelmente a nossa seria colocada como inferior a deles e faríamos aquilo que eles achavam ser o melhor. Apesar desse espaço não ser realmente democrático, essa experiência me trouxe a oportunidade de viver num espaço onde o debate, as diferentes vozes, os diversos olhares sobre aquilo que vivíamos eram presentes e o diálogo se fazia necessário para que continuássemos convivendo e crescendo juntos naquele espaço.

Eu percebi ao longo desse caminho que a beleza da dança não é aquilo que estamos mostrando, mas aquilo que se transforma dentro de nós. Porém, essa percepção só foi possível por conta de alguns professores que se entrelaçaram a mim, que ao montarem coreografias que falavam sobre assuntos que estão em discussão na sociedade, fazia com que cada um de nós do grupo se posicionasse frente a questões que diziam respeito aquilo que estávamos dançando, pois ao dançar gerávamos um diálogo com o público, apresentando uma posição política, afinal, estar no palco dançando a ideia de alguém, já é ser conivente com tal ideia. Por esse motivo, em meu memorial de formação, trago uma pessoa fundamental nessa questão de consciência da dança e da arte em minha vida, o meu professor e amigo Edinho, que diferentemente de outros professores que tive, deixa a técnica da dança como secundária em sua aula, e se preocupa com as ideias, com o debate sobre aquilo que estamos levando para a sociedade, e como nós, sujeitos dessa sociedade estamos nos colocando frente a algumas ideologias e assim, a dança torna-se transformadora, pois nos faz repensar sobre aquilo que muitas vezes não parávamos para refletir e cria maneiras de nos expressarmos sobre aquilo que está em nosso redor, criticando e se posicionando através do nosso corpo.

A dança para mim, hoje, significa força, potência e possibilidades, pois quando assim nos expressamos, nos deixamos naquele momento e dizemos coisas que não poderiam ser ditas em palavras, porque o movimento traz consigo uma força, uma forma e uma expressão, de maneira verdadeira e pura, possibilitando sentimentos que somente se expressam através da arte, por isso, acredito que aquilo que dançamos e nos expressamos através de diferentes linguagens nos torna completos, pois criamos uma relação com o nosso corpo por inteiro, mobilizando coisas que nem sabíamos que estavam guardadas em nós e assim, somos completos.

<https://www.youtube.com/watch?v=CHm3dBjrVUI> (Sonho de um discurso só)

<https://www.youtube.com/watch?v=f-sYz3dyolo> (Buquê de lírio)

Luca:

Trago aqui em meu memorial, Luca, meu parceiro de vida há sete anos, que compartilha a arte de dançar e a profissão de educador e bailarino comigo. Luca, assim como minha avó, me faz olhar as sutilezas que a vida tem e como as coisas são muito mais simples do que parecem ser e que mesmo assim podem ser grandiosas, me fez ver a potência de ter um olhar mais direto para as coisas, menos complicado, mas ainda assim apreciar a complexidade daquilo que se vê.

Eu sempre vi uma bola de lã toda enrolada e levava meu olhar para os detalhes desse emaranhado, porém Luca desenrola e me permite enxergar uma nova perspectiva dessa lã, que continua com todas as suas potencialidades, mas no desenrolar dela, meu olhar enxerga novos detalhes daquilo que um dia foi emaranhado, desse modo, o olhar dele modifica o meu, trazendo novas perspectivas para aquilo que vejo.

Em nossa caminhada juntos, Luca me trouxe a possibilidade de me compreender como produtora de minhas potências e entre muitos diálogos do dia a dia, me traz a possibilidade de reflexão sobre aquilo vivo, que danço e sobre os desafios da escola. Entre todas as coisas que ele me formou e me forma, acredito que ter esse espaço de reflexão sobre o cotidiano e poder trocar nossos olhares artísticos sobre aquilo que nos rodeia me faz compreender, transformar e me encantar com o mundo que vivo.

Disciplina da Ana:

No primeiro semestre da graduação, não sabia ao certo o que estava fazendo na faculdade, havia escolhido o curso porque gostava de crianças, não

fazia ideia de todo o caminho que havia para percorrer e todas as mudanças que ocorreriam dentro de mim, nessa universidade.

Naquele primeiro semestre de 2015, tive aula com a Ana Aragão, na disciplina de Introdução a Pedagogia, onde ela propôs a nós da turma que fizéssemos registros poéticos para expressarmos aquilo que havíamos vivenciado e mobilizado em nós nas aulas anteriores, através de registros que poderiam ser artísticos, ou seja, podíamos usar qualquer tipo de linguagem para registrar.

No início de cada aula, alguns alunos compartilhavam suas narrativas, como registro poético, sobre aquilo que foi vivido por todos na aula anterior. O que não era esperado era tamanha mobilização por parte dos alunos, o quanto aqueles momentos eram repletos de sentimentos, de sentidos e diversas percepções sobre o vivido. No meio daquele semestre que tínhamos somente matérias teóricas, que no início não compreendíamos qual o sentido de tudo aquilo, Ana trazia uma leveza para o semestre com suas propostas. O que mobilizou em mim a importância de se registrar, narrar e compartilhar experiências e um olhar para uma educação transformadora, pautada na sensibilidade, em que afeto e cognição andam de mãos dadas.

Estágio com a professora Patricia:

Durante a graduação, tive a sorte de acompanhar em meu estágio de educação infantil, numa escola pública do município de Jundiaí, a professora Patricia. Ela transformou meu olhar para escola, pois com seu jeito bem humorado e preocupado com as crianças, ela fazia com o cotidiano da escola fosse encantador em todos seus detalhes.

Em meu primeiro dia de estágio, quando entrei em sua sala de aula, me deparei com um espaço que não estava acostumada a encontrar em escolas. Uma sala cheia de cantos. De um lado a tenda, no chão um edredom com almofadas e uma cesta de livros, no centro algumas mesas com massinhas. E conforme as crianças chegavam na sala, muitos beijos e abraços, e naturalmente ocupavam o espaço. Se estavam cansadas entravam na tenda

que era chamada de “casa” por elas, deitavam no edredom e por ali ficavam até estarem mais dispostas para as atividades, outras sentavam na mesa para brincar e outras deitavam e exploravam os livros dispostos.

Nesse mesmo dia, em outro momento, fomos até o bosque da escola, onde tinha um caminho feito para explorar as sensações com os pés. Um caminho feito de folhas, pedras, farinha, areia, todos separados em quadrados que poderiam ser pisados pelas crianças. Sempre muito gentil, Patricia convidava as crianças para explorarem aqueles materiais com os pés e conversava com cada uma delas sobre as sensações que tinham.

Certo dia, cheguei à sala do estágio e a professora havia colocado muitas e muitas folhas do bosque na sala, havia folhas penduradas em fios que desciam do teto, folhas em todo o chão que se misturavam com galhos e pequenos pedaços de troncos de árvore. O dia estava frio, e por conta disso, Patricia que havia planejado de ir com as crianças ao bosque, trouxe o bosque para dentro da sala de aula.

Esse momento, foi como um colírio aos meus olhos, me encantei pelo trabalho de Patricia, pela sua sensibilidade, sua versatilidade e encontro de brechas no cotidiano.

Até o final do estágio, Patricia diariamente me mobilizava e enxergar a escola como espaço para se experienciar a vida, para mobilização de novos conhecimentos e rica em possibilidades, pois mesmo com todas as dificuldades encontradas no cotidiano, essa professora enxergava experiências potentes, que mobilizavam os diversos sentidos das crianças e assim, essas apreendiam sobre o mundo.

Com quem eu danço:

Neste capítulo trago aqueles que sustentam os passos dessa dança, de maneira teórica - os autores que convidei para dançar comigo e assim, contribuíram e foram alicerce para essa pesquisa.

Teoria Histórico- Cultural:

Esta pesquisa orienta-se pela Teoria Histórico-Cultural(THC) que foi desenvolvida a partir dos estudos de Lev S. Vigotski [1896-1934] e seus colaboradores, no início do século XX. Considerando a enorme obra desenvolvida por eles, trago um breve panorama histórico e alguns pontos de seus estudos que contribuem diretamente com esta pesquisa.

Assim sendo, a Psicologia nasce como ciência no final do século XIX, época em que a burguesia estava em ascensão e, com ela, a racionalidade também. Isso resultava numa busca por um método científico que chegasse o mais próximo do real, onde a razão era considerada como o alicerce para a validação do conhecimento, ou seja, uma busca por uma ciência onde as crenças e valores não eram validados, pautava-se então, naquilo que era observável, empírico e experimental. Desse modo, surge nesse período a linha de pensamento e pesquisa conhecida como “positivismo”, que se baseia na racionalidade e pesquisa a partir do observável. Pesquisadores dessa concepção, entendem que a partir da organização das partes é possível compreender o todo e, além disso, acreditam que as ideias são organizadas na mente de maneira a permitir associações que resultam em conhecimento. (BOCK, 2002)

A partir dessas ideias, Wundt (1832-1920) caracterizou a Psicologia como um campo da ciência, com uma proposta de reconhecer as especificidades básicas daquilo que constitui a consciência, porém diferentemente dos positivistas, Wundt entendia o pensamento humano como produto da natureza e criação da vida mental. Entendendo assim, o indivíduo como dual, criatura e criador. Porém, o pesquisador não conseguiu solucionar essa contradição e assim sugeriu duas linhas de pensamento na Psicologia, a experimental e a social.

Apesar das discussões sobre essas contradições, elas não puderam ser solucionadas por grupos teóricos posteriores a Wundt naquela época, somente mais tarde pelo método dialético. Pois, as linhas de pesquisa ao se posicionar em um lado da ciência, não davam conta da apreensão da totalidade dos fenômenos psicológicos.

Nesse mesmo momento histórico de afirmação da Psicologia como campo de estudos da ciência, a sociedade passava por grandes transformações, onde as ideias do Liberalismo surgiam de encontro com a valorização do sujeito. Nesse período, a economia passava do sistema feudal para o modo de produção capitalista e a sociedade afirmava o homem como um sujeito de direitos, acarretando assim, numa mudança no modo como é compreendida a elaboração da subjetividade social e individual.

A noção de eu e a individualização nascem e se desenvolvem com a história do capitalismo. A ideia de um mundo 'interno' aos sujeitos, da existência de componentes individuais, singulares, pessoais, privados toma força, permitindo que se desenvolva um sentimento de eu (BOCK, 2002, p.19)

Dessa maneira, a Psicologia se torna necessária para estudar esses sentimentos e fenômenos que resultaram desse processo histórico. Para muitos estudantes dessa nova ciência, o fenômeno psicológico começa a ser entendido como “ora processo, ora estrutura, ora manifestação, ora relação, ora é conteúdo, ora é distúrbio, ora é experiência.”(BOCK, 2002, p.21). Mas sempre como algo que quando está em relação ao meio social e cultural, aquilo que é externo – o mundo social - impede o livre desenvolvimento do mundo interno – psicológico.

Em contrapartida, no início do século XX, a Teoria Historico-Cultural considera o fenômeno psicológico como algo não natural do ser humano, mas, sim, como fruto de um processo de constituição social do indivíduo que reflete as condições econômicas, sociais e culturais do sujeito. E assim, essa teoria começa a ser construída por alguns pesquisadores que se posicionam de maneira distinta às linhas de estudos recorrentes da época - àquelas que acreditam que os estímulos externos modificam todos os sujeitos de uma mesma maneira, ou às que defendem que o desenvolvimento psicológico tem

principalmente base orgânica, dependendo apenas da maturação biológica para ocorrer. Vigotski apresenta uma teoria psicológica fundamentada nos princípios filosóficos marxistas e no materialismo dialético.

Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; às ideias, como representação da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história, como movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência. (BOCK, 2002, p.24)

Vigotski (1998) afirma que o desenvolvimento psicológico humano ocorre através da relação com o outro e da relação com o meio em que se vive, ou seja, ele compreende o sujeito sempre de maneira social, cultural e historicamente contextualizada, a partir das marcas do tempo e espaço em que estão inseridos e das interações estabelecidas através do convívio com os outros. Isto é, o sujeito é constituído a partir de atividades mediadas e das práticas culturalmente produzidas.

Na teoria Histórico-Cultural, a cultura tem posição determinante. Nessa perspectiva, Vigotski (1931/1995) apresenta-a como resultado do trabalho humano, que se constitui a partir de um ato intencional de transformação da natureza e da criação de sistemas simbólicos. Podendo ser compreendida como marcas da humanidade, que são impressas nos signos e nos modos de se interagir e compreender o outro.

Vigotski (2001) defende que, pela cultura, conhecemos o mundo, pois pelos elementos culturais que são apropriados por nós, desenvolvemos nossos processos psicológicos superiores. Ou seja, a partir dos conhecimentos já presentes e elaborados pela humanidade, aprendemos sobre o mundo e nos relacionamos a ele, mobilizando nossos aspectos cognitivos e sensíveis.

Porém, ao mesmo tempo em que nos constituímos pelo ambiente cultural, também o reelaboramos a partir de nossas interações. Criamos novos instrumentos, modos de simbolizar, e assim, podemos perceber as coisas de diversas maneiras, nos questionar sobre nossa sensibilidade e assim, produzir novos sentidos para o vivido. (PREZOTTO; FERREIRA; ARAGÃO, 2015)

Vigotski explica o desenvolvimento como processo de apropriação de elementos da cultura humana, mediante a interação com o ambiente e com os outros. Nesta perspectiva todas as experiências significativas vividas contribuem para os avanços psicológicos através das conexões que estabelecem entre si. (PREZOTTO; FERREIRA; ARAGÃO, 2015, p. 25)

Deste modo, entende-se que aquilo que é aprendido pelas experiências contribui para o desenvolvimento das funções psicológicas. O autor, em seus estudos, coloca que estas podem ser divididas em duas: as funções elementares e as superiores. A primeira diz respeito aos comportamentos mais simples, como as reações automáticas, a imitação, o condicionamento, entre outros. Enquanto, as superiores são mais complexas, como a memória, o controle intencional do comportamento, a abstração, etc. Porém, diferentemente das funções elementares, que são imediatas, as superiores são sempre mediadas por instrumentos ou signos.

Os instrumentos são elementos que auxiliam a condução de alguma ação, na dimensão física do sujeito. Enquanto os signos auxiliam a dimensão mental. Estes são sistemas simbólicos culturalmente produzidos, que têm suas funções conservadas e transmitidas pelo grupo cultural, fazendo com que seus significados sejam compartilhados. Através das vivências afetivas, o sujeito dá sentido àqueles significados e internaliza-os, desenvolvendo, assim, as funções psicológicas superiores.

Em relação a essa concepção, o autor também acredita na relação entre o nível de desenvolvimento do sujeito e sua capacidade potencial de aprendizagem. Nesse sentido, defende a existência de um nível de desenvolvimento real, que é aquele em que o sujeito tem total capacidade e autonomia para resolver algum problema, a partir de conhecimentos e habilidades que foram internalizados e apropriados de modo particular por ele. E a existência do nível de desenvolvimento iminente, determinado por aquilo que o sujeito somente é capaz de realizar se tiver ajuda do outro, pois suas habilidades ainda estão em formação, ou seja, o sujeito reconhece os saberes que são necessários para resolver o problema, porém ainda não os internalizou.

Aquilo que ocorre entre esses dois níveis, na Zona de Desenvolvimento Iminente (ou proximal), ou seja, na zona entre aquilo que já foi internalizado e aquilo que se tem como conhecimento potencial, se apresenta como potente e sem limites para a construção de conhecimento do ser humano, pois não há estágio elementar a ser desenvolvido, nem uma sequência linear, no sentido em que o desenvolvimento depende das relações sociais e dos contextos em que o sujeito está inserido.

Sendo assim, não é possível prever os caminhos que cada ser seguirá para se desenvolver, porque as relações e contextos nunca são os mesmos para diferentes sujeitos. Isso é potente, pois novos conhecimentos e ações no mundo podem ser elaborados, e dessa maneira, essa perspectiva expõe a potência da cultura e das relações sociais na ampliação do conhecimento do sujeito e da humanidade.

Faz-se necessário aqui, também, uma breve explicação sobre aquilo que chamo de significado e de sentido. Baseada nas palavras de Oliveira(1997) sobre a teoria Histórico-Cultural, significado é um atributo fundamental das palavras, que desempenha a função de intercâmbio social e de pensamento generalizante. A primeira diz respeito ao entendimento que o grupo cultural compartilha, e a segunda é quando falamos sobre uma palavra ou conceito, como, por exemplo, celular e todos que ouvem ou leem essa palavra sabem sobre o que se refere, sem necessariamente ter um celular à vista ou sequer ter visto um, pois como França (2017, p.61) afirma, “conhecer o significado de uma palavra implica ter internalizado um modelo abstrato daquilo que ela representa, que servirá como analogia para operar mentalmente com as diversas expressões particulares daquele conceito geral.”

Ao passo que quando falamos sobre o sentido, continuo tomando como base as palavras de França,

Enquanto o significado de uma palavra é relativamente estável e objetivo, seu sentido, porém, é muito mais fluido e subjetivo, pois muda de contornos conforme o contexto em que a palavra é enunciada e adquire tonalidades afetivas diferentes dependendo de como se conecta às experiências e vivências de cada pessoa (OLIVEIRA, 1997 apud FRANÇA, 2017, p. 62)

Nesse sentido, a teoria Histórico-Cultural traz a ideia de que o sistema de signos que o sujeito utiliza para mediar suas funções psicológicas com o mundo não é uma criação própria do sujeito e, sim, uma apropriação de um sistema que já existe e é compartilhado pelo grupo cultural que ele está imerso. E, através da cultura, o sujeito encontra esses signos (palavras, objetos) já elaborados e, por meio das vivências com outros que estão imersos há mais tempo nessa cultura, cria conexões e dá sentidos para tais signos. Para Vigotski, a partir da internalização das relações sociais mais significativas são constituídos os elementos necessários para mediação psicológica e, assim, ocorre a origem social da mente.

Portanto, entendo que é somente a partir daquilo que se vivencia que se aprende, como apontado por Ferreira (2014)

a formação de conceitos passa primeiro pela esfera social: é preciso ouvir, ver, sentir e conhecer pelo outro, numa relação mediada, para assim apropriar-se e ser capaz de utilizar os conceitos internalizados para orientar suas ações e seu próprio pensamento. (p. 34)

Ou seja, é a partir daquilo que os sentidos captam, daquilo que experienciamos que nos apropriamos do mundo e damos sentido a ele. E seguindo essa perspectiva, trago para o próximo tópico alguns autores para dialogarem comigo sobre experiência.

Experiência e Educação Estética:

Costumeiramente, encontramos em nossos diálogos do dia a dia a palavra experiência sendo usada como sinônimo de tempo acumulado ou vivência - momentos em que se vive algo, em que muitas coisas acontecem, mas que não necessariamente impactam no contexto histórico da pessoa. Porém, trago o termo experiência como não aquilo que é vivenciado, mas como Larrosa (2002) em sua manifestação mais conhecida, expressa como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que

acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.(p.21)

Dessa maneira, em consonância com a perspectiva Histórico-Cultural, que considera os indivíduos como sociais, escolho falar sobre experiência como um “processo marcante da vida humana, acontecimento profundo que caracteriza nossa existência singular e de toda a humanidade, sincronicamente” (FERREIRA, 2014, p.38).

Além disso, Vigotski em uma de suas mais prestigiadas frases coloca que “o saber que não vem da experiência não é realmente um saber”. Nessa perspectiva, considerando que experiência é aquilo que afeta e transforma o sujeito, e somente por ela é possível aprender, entendo que afeto e cognição são indissociáveis.

Contribuindo com esse ponto de vista, Duarte Junior apud Ferreira (2011) defende que

toda e qualquer aprendizagem simbólica, toda e qualquer reflexão acerca da vida e do mundo, deve partir, necessariamente, da experiência vivida. Daquilo que o corpo captou de uma dada situação através dos sentidos, vale dizer, de nossa humana sensibilidade (p.7)

Por conta disso, trago meu olhar para a estética– *aisthesis* - no grego, que significa aquilo que é conhecido pelos sentidos. (ALVARES, 2010). Ou como Gagliard (1990) afirma, uma maneira de conhecimento sensorial e também uma maneira de se comunicar, que é diferente da oral, e se caracteriza pela oportunidade de partilha de sentimentos. Além disso aponta que o sujeito através da experiência estética entra em contato com a realidade por meio de sua inteireza, que abrange o sensível, o intelectual e afetivo. “Enfim, a estética é uma forma de apreendermos a realidade moldada por nossas experiências sensoriais” (CAMARGO; BULGACOV, 2008, p.470).

Nesse sentido, a experiência estética trata de um modo sensível de se relacionar com o mundo, que é único. Modo esse que, através dos sentidos, o sujeito compreende e “percebe-se em relação às coisas, colocando-se de forma inteira na realidade da qual faz parte.” (FERREIRA, 2011, p.20). Dessa maneira, entendo a experiência como algo que possibilita a mudança, pois ao

perceber o mundo de maneira sensível é possível compreender a realidade de diversas perspectivas, possibilitando questionamentos e reflexões (FERREIRA, 2014)

Portanto, usando a ideia de Walter Benjamin (1994) apontada por Ferreira(2014), são

as experiências momentos singulares e repletos de sentido, que levam à resignificação dos referenciais. A partir delas, olhamos para as coisas de outra maneira. É a experiência que funda uma estética pessoal, que amplia o conhecimento do mundo por diversos sentidos. Ainda, Benjamin revela seu caráter único, tal como a necessária unidade proposta por Vigotski, ao afirmar que na experiência há o encontro de tempos e espaços, pois o indivíduo, no momento presente, carrega consigo todas as suas histórias e projeções futuras, resignificadas no instante vivido. (p.30)

Assim, entendo que a experiência estética se apresenta como uma possibilidade vívida na arte, pois esta permite a expressão do sensível, das múltiplas linguagens, do conhecer o mundo através do sensorial, abrindo espaço para que aquilo que tem significado compartilhado no mundo ganhe novos sentidos. E desse modo, permite que, num processo dialético, o sujeito compreenda e resignifique a realidade.

Narrativas:

Nessa pesquisa, a escolha de narrativa foi feita pensando na possibilidade de partilha de experiências, na potência dela como estratégia formativa, como gesto estético e como modo de rememorar e tomar consciência das experiências vividas. Busco, assim, um diálogo com diferentes vozes, para entender quais foram os sentidos e significados que emergiram a partir da experiência em dança pelas professoras em formação.

Para isso, apoio-me nas ideias de Benjamin (1994 apud FERREIRA et al. 2017) que diz que ao vivenciar, descobrir e se sensibilizar pela narrativa, se experiencia a si mesmo e a tudo aquilo que está no mundo, através da

sensibilidade e da linguagem apresentada no texto, sob uma perspectiva histórica, reflexiva e experiencial.

como em uma caminhada por uma trilha em meio à mata fechada, há o envolvimento do sujeito diante em um novo espaço de significados e, como tal, ao se deixar levar pelas diversas e únicas sensações que esse caminhar proporciona – momento sempre singular, independente de quantas vezes o exercite – novas possibilidades de aprendizado são enunciadas. (FERREIRA et al., 2017, p.13)

Nesse sentido, percebo que o narrar é um gesto estético, pois a partir dele é possível experienciar a si mesmo, sentir e aprender o mundo de um modo único, possibilitando novas construções de significados.

Narrar também pressupõe o outro, a escolha daquilo que se narra e das palavras que são usadas para contar a história. De acordo com Larrosa (2002), as palavras produzem sentido e criam realidades que podem se tornar experiências, mobilizando o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, dos outros e do mundo em que vivemos. É pela possibilidade de se sensibilizar pelas palavras e aprender o mundo que a narrativa pode ser compreendida como gesto estético.

Considero, também, o narrar como um modo de rememorar e tomar consciência do vivido, tornando-se uma potente estratégia formativa, pois aquele que narra ao escrever e ler seus próprios registros pode reconhecer a totalidade da ação a partir de um único episódio narrado e, assim, refletir sobre sua própria história e sobre as histórias outras de outros que o cercam. (FERREIRA et al, 2017)

Dessa maneira, a narrativa possibilita olhar de uma nova maneira para aquilo que é cotidiano, abrindo espaço para novas percepções de mundo. Processo que se enriquece quando as narrativas são partilhadas, pois a partir dela é possível contar aos outros sobre os processos formativos pessoais, rememorando aquilo que se foi sentido intensamente, aquilo que ficou como perspectiva da realidade. E assim,

Ao dizer de si, compreendemos estar dizendo também de todas as nossas experiências anteriores, necessárias para a construção da identidade e dos contextos de vida quando narramos. Assim, narrar nossas experiências passa a ser mais do que um exercício de contar de si mesmo, para simbolizar um gesto de compartilhamento de conhecimento produzido socialmente, um registro de práticas e

reflexões que vão do coletivo para a análise pessoal, retornando ao coletivo de maneira ressignificada. (FERREIRA, 2014, p.48)

Logo, compreendo as narrativas como possibilidade de entendimento sobre a realidade, rompendo com a lógica de construção de conhecimento que busca uma verdade absoluta. Por isso a escolha delas para essa pesquisa, pois busco mobilizar novas significações e sentidos para a formação do professor.

Os passos que me guiam:

Nesse capítulo trago os passos e a sequência que segui para analisar essa pesquisa.

Produção dos dados:

Após minha viagem à Itália, iniciei um diário de bordo sobre minha experiência com a dança. Nele, escrevi sobre meus sentimentos em relação aquilo que eu dançava, registros feitos para mim, para serem revisitados posteriormente. Esse diário é composto por 10 registros que não estão datados, mas que foram iniciados em agosto de 2017 e alguns recortes desses registros foram utilizados como dados para essa pesquisa.

Durante a graduação, principalmente por conta da disciplina da professora Ana Aragão, em que nós, alunas, tivemos espaço para nos conhecer além do âmbito acadêmico, conheci algumas colegas de turma que também dançavam. A maior parte delas tinha feito balé clássico, mas também tinha aquelas que fizeram dança do ventre e contemporâneo.

Assim que voltei de viagem, pedi a essas amigas que eu lembrava que também dançavam, para que escrevessem cartas para mim me contando como tinham sido a experiência delas e o que elas relacionavam isso a serem professoras. Lembrei de seis colegas e escrevi a elas, todas toparam me escrever e cada uma delas me escreveu uma carta, que mais tarde me mobilizaram a fazer essa pesquisa. Nenhuma das cartas foi respondida por outra carta, apenas por conversas espontâneas na faculdade.

Utilizei as seis cartas escritas por elas para essa análise e também, quando decidi fazer essa pesquisa, produzi duas narrativas sobre minha experiência direcionando meu olhar para minha formação como professora.

Os dados para análise dessa pesquisa são compostos pelo diário de bordo, pelas cartas recebidas e pelas narrativas produzidas. Nesse sentido, chamarei esses dados de *narrativas*, pois todas são vozes que foram processo de reflexões.

Análise dos dados:

As narrativas serão analisadas através do Paradigma Indiciário de Ginzburg (2009), que está fundamentado na ideia de que a realidade é plural e dinâmica, assim, os sentidos que são dados ao real podem ir além daquilo que está aparente, através da busca de minúcias, normalmente negligenciadas, a fim de decifrar, reconhecer e reconstruir uma dada realidade.

Para Ginzburg, a ideia do Paradigma é evidenciar e possibilitar através de um olhar minucioso, atento aos indícios e aos pormenores, a construção de novas perspectivas sobre a realidade. Como um detetive que para compreender um crime busca detalhes, sinais marginais e elementos secundários para remontar à história que está investigando, ou um caçador que busca por pistas como pegadas, fezes e pelos, criando a partir dos rastros uma narrativa coerente para encontrar o animal, Ginzburg propõe uma metodologia interpretativa do contexto que se pesquisa.

Para isso, é necessário criar elos coerentes entre os elementos encontrados através de uma micro-análise, em que reduz a escala de observação e se estudam as minúcias do material pesquisado, não buscando uma generalização dos elementos individuais, mas destacando as particularidades contingentes nesses elementos. Gerando uma narrativa que conecta todos os fatos e assim, possibilita uma compreensão mais profunda da realidade.

Nesse sentido, busca-se, nessa pesquisa, aprofundar o olhar sobre a experiência em dança na formação de professores a partir dos indícios encontrados nas narrativas, a fim de potencializar novas perspectivas sobre a formação docente.

Após a escolha daquilo que eu desejava investigar, a pesquisa qualitativa se apresentou como a mais adequada para esse trabalho, pois

Como afirma Flick (2009), a pesquisa qualitativa não pretende ser replicável ou aplicada como modelo. Pretende olhar para as questões da humanidade contemplando sua dimensão coletiva e particular, trazendo à investigação a possibilidade de gerar outras reflexões

acerca do tema estudado em outros tempos e espaços (FERREIRA, 2014. p, 104)

Além disso, não busco com tal pesquisa comprovar algo ou colocar algum objeto de estudo em prova, mas alargar as reflexões sobre educação estética na formação do professor e contribuir com tais discussões. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possibilita uma diversidade de contextos e reflexões, pois é “um modo de investigação não padronizado a priori, na qual os critérios e métodos são desenvolvidos com base na reconstrução e análise das práticas pesquisadas” (FERREIRA, 2014. p, 106).

Inicialmente, num modo de fruição fiz uma breve leitura dos dados. Em seguida, me debrucei sobre eles e separei trechos que falavam sobre a dança e outros que falavam sobre a docência. Selecionei os que de alguma maneira estavam relacionados às perguntas da pesquisa. Agrupei os trechos que tinham os mesmos sentidos e cada um deles relacionei aos referenciais teóricos a que me remetiam ao ler. Após isso, juntei os textos que abordavam os mesmos recortes teóricos e, assim, construí quatro indícios que embasam minha análise em relação às experiências narradas.

Uma experiência:

Eu escolhi alguns trechos das narrativas que compõem os dados dessa pesquisa para analisar sob a luz dos referenciais teóricos sobre experiência estética e a teoria Histórico-Cultural. Esses excertos foram escolhidos por parecerem potencializadores de reflexões acerca da experiência em dança na formação de professores.

As narrativas foram analisadas a partir do paradigma indiciário, e assim, pude inferir e levantar indícios que indiciassem a relação que existe entre a dança e a docência, são eles:

- **A dança é potente linguagem para expressão de sentimentos.**
- **A dança é caminho potente para compreender o mundo.**
- **Aquele que dança se percebe de modo inteiro e completo**
- **A experiência em dança proporciona um olhar atento para o modo como o outro se expressa – e para as professoras, um olhar para como no espaço escolar as crianças podem se expressar**

Apresento cada um desses indícios com trechos das narrativas que compõem essa pesquisa articulados a reflexões teóricas e propostas interpretativas.

- **A dança é potente linguagem para expressão de sentimentos**

A transformação que a dança me permitiu viver, veio de um lugar muito íntimo e delicado dentro de mim, minhas inseguranças e minhas certezas, tais quais eu não conseguia expressar foram ficando mais acessíveis, mais leves e palpáveis. A função terapêutica que a dança me propicia é também um meio de comunicação entre o que há dentro de mim, que em palavras não conseguia expressar (Raphela)

O primeiro trecho destacado mostra como a experiência de dançar pode fazer com que o sujeito aprimore suas percepções e sentimentos sobre o mundo, pois vai adquirindo um novo tipo de linguagem – a corporal. O que vai possibilitando expressar de novas maneiras aquilo que esta dentro de si, que foge daquilo que é expresso em palavras, como Raphaela afirma.

Ferreira (2014) também entende que pela arte é possível experienciar o mundo e, assim, perceber os sentimentos que surgem relacionados a esse momento de fruição pelos sentidos e criação artística.

Ao meu olhar, esse movimento de expressar sentimentos que não poderiam ser expressos de outras maneiras, faz com que a dança seja uma linguagem potente, que possibilita acessar uma maior sensibilidade pelo sujeito.

A dança como linguagem se diferencia daquilo que pode ser dito em palavras pela sua subjetividade. Por ela são expressas coisas que ao serem comunicadas aos outros, podem não ter um sentido objetivo. Como Mariana aponta:

Dancei meus sentimentos quando não pude mais suportá-los e contê-los apenas em meu interior. Apresentei um segredo que poucos compreenderam, mas ali estavam as dores e alegrias que calejavam meu peito e meus pés. (Mariana)

Nesse trecho, é possível compreender como o dançar possibilitou a expressão de sentimentos que apenas através dessa experiência poderia ter suscitado e como a compreensão objetiva pelo outro fica em aberto. E nesse sentido, a dança se faz potente como linguagem, pois ela expressa diversos sentimentos, e sua compreensão está igualmente aberta e potente para interpretações. Como Ferreira (2014) afirma, a linguagem em palavras não dá conta de abarcar toda a carga contida quando sentimos o mundo, e, nesse sentido, a arte por trabalhar com imagens, está mais próxima da natureza real dos sentimentos.

Gerando assim, uma comunicação aberta às possibilidades de diálogo e interpretação do que foi ali expresso, alargando as compreensões que se tem do mundo.

O que me traz ao segundo indício levantado por essa pesquisa:

- **A dança é caminho potente para compreender o mundo.**

Desta vez, escolhi não falar sobre as sensações imensuráveis e inexplicáveis que me permeiam ao dançar, e sim, contar um pouco sobre o que elas fizeram comigo. Muito mais do que a dança em si, são essas sensações as quais me refiro que foram capazes de me

transformar e, ao meu ver, o mais especial em tudo isso, é que elas não me tocaram a qualquer momento, tampouco em qualquer movimento. São em instantes singulares e memoráveis que elas vêm e me preenchem, aproximando-me da minha mais pura essência, trazendo toda a vivacidade que se encontra dentro de mim e fazendo-me compreender. Apenas compreender. (Jade)

Jade, com sua fala, direciona o nosso olhar para aquilo que é sentido e em seguida compreendido pela mente. Fazendo-nos retornar à ideia de que razão e sentimento são indissociáveis. Como expresso por ela, foi pela experiência que ela teve ao dançar, que ela pode compreender o mundo.

Como apontado por Ferreira (2011, p.14), “Isto significa dizer que a compreensão que se tem a respeito do mundo acontece na medida em que se articula razão e emoção, não sendo possível conhecer e estabelecer relação de outra forma.” Ou seja, somente por aquilo que é sentido, experienciado é possível se conhecer.

As palavras de Maira também destacam essa relação:

O meu tornar-se professora deu-se a partir de um corpo que lê e se relaciona com o espaço, compreendendo que muito do que aprendemos nos atravessa antes corporalmente e afetivamente do que cognitivamente (Maira)

Reafirmando a ideia de que a partir daquilo que o corpo sente e tem como experiência é que o intelecto se constitui. Dessa maneira, entendo que “todo o conhecimento que se tem do mundo é provido pela percepção através dos sentidos” (FERREIRA, 2011, p.14)

Quanto trago em minhas anotações que,

a dança torna-se transformadora, pois nos faz repensar sobre aquilo que muitas vezes não paráramos para refletir e cria maneiras de nos expressarmos sobre aquilo que está em nosso redor, criticando e se posicionando através do nosso corpo. (Minhas anotações)

Também contribuo com essa perspectiva. E, nesse sentido, percebo que ao anunciar esse indício de que a dança é potente para a compreensão de mundo, me remeto àquilo que é a experiência estética, pois a dança oportuniza a percepção do mundo de maneira mais sensível. Isso faz com que relações únicas sejam feitas entre o sujeito e o mundo, criando um equilíbrio entre o sentir e o pensar.

- **Aquele que dança se percebe de modo inteiro e completo**

Aquilo que dançamos e nos expressamos através de diferentes linguagens nos torna uno, pois criamos uma relação com o nosso corpo por inteiro, mobilizando coisas que nem sabíamos que estavam guardadas em nós e, assim, somos completos (Minhas anotações)

A partir desse trecho destacado compreendo a possibilidade que a dança abre para o sujeito se perceber com um ser completo, que não pode ser dividido em parcelas, como afetivo e intelectual. Nessa perspectiva, quando o sujeito percebe e compreende o mundo através dos sentidos, ele se constitui. De modo que seu intelecto e suas sensibilidades são construídos num fluxo contínuo, caracterizado por um modo particular de se perceber no mundo.

A teoria Histórico-Cultural contribui com a ideia de que o sujeito se constitui de maneira única a partir daquilo que ele experiencia e se relaciona com a cultura. Nesse sentido, quanto mais sensível as experiências, mais próximo o sujeito está daquilo que o constitui, caminhando para uma compreensão de sua inteireza mais completa.

Carla em sua narrativa afirma que,

As concepções de ritmo, melodia, coordenação motora, espaço e tempo que a dança me proporcionou, são essenciais para uma aprendizagem completa, onde corpo e a mente atuam como um só. Cada gesto constrói papéis e formas de ser e estar no mundo, (Carla)

Contribuindo com essa perspectiva, Carla contribui com a ideia do sujeito ser inteiro, e de que está no mundo de modo uno, compreendendo-o a partir de sua inteireza, onde corpo e mente atuam como um só. Assim, entendo a partir das narrativas, que aquele sujeito que experiencia o mundo pela dança consegue se compreender como ser em unidade, como sujeito inteiro e completo.

- **A experiência em dança proporciona um olhar atento para o modo como o outro se expressa – e para as professoras, um olhar para como no espaço escolar as crianças podem se expressar**

A maneira como percebo os corpos e espaços dialoga com noções próprias de minhas experiências no palco. Meu olhar para as diversas formas pelas quais as crianças se expressam, bem como os espaços

se fundem, seja dentro ou fora da sala de aula, também é tido através de lentes dançantes. (Jade)

Entendo, aqui, que as lentes dançantes de Jade são aquelas que fizeram com que seu olhar fosse mais sensível como professora, lentes adquiridas a partir de sua própria experiência sensível na dança.

Na narrativa de Raphaela, encontrei um trecho que contribui com esse diálogo:

Assim, posso dizer que a dança constitui minha formação enquanto indivíduo e, por conseguinte, contribui de forma muito positiva no meu agir cotidiano. Penso que a minha atuação enquanto educadora requer que eu esteja - de corpo e alma - sensível e atenta às nuances e sutilezas que as crianças trazem, para que eu possa mediar os processos pedagógicos com a garantia de que cada indivíduo tenha assegurado o seu direito mais amplo de expressão. (Raphaela 3)

As pontuações sobre a importância de uma experiência estética para o sujeito já foram feitas nesse trabalho. Nesse último indício destacado, o olhar está direcionado diretamente para o ser professora. Nesse sentido, as duas narrativas aqui destacadas apontam como a sensibilidade também deve fazer parte do cotidiano escolar.

Como Ferreira (2011) diz, “o que deve haver essencialmente na postura do professor, para que a experiência estética ocorra, é um olhar mais sensível para o mundo” (p.60). Pelas narrativas analisadas, a dança foi um caminho possível e facilitador nesse processo. Fato também expresso nesse pequeno trecho meu:

A arte da dança, enquanto espaço de expressão e de sensibilização, me trouxe um olhar para as sutilezas de cada indivíduo. (Minhas anotações)

É nítido que, pela experiência estética, o ser docente também é ressignificado, o que impacta diretamente no modo como as professoras olham para os alunos e para o ambiente escolar, e principalmente no que diz respeito ao modo do outro se expressar.

Quando as cortinas se fecham:

Chegamos ao final desta obra, as cortinas estão quase se fechando... As sensações que me permearam durante o processo dessa peça foram intensas, me transformaram, como artista e como docente.

Esta pesquisa poderia ter sido apresentada de diversas outras formas, mas as escolhas foram feitas diretamente relacionadas as minhas experiências, o que me fez estar envolvida profundamente com processo dela.

Assim, ser participante, narradora e pesquisadora desta obra foi uma experiência. Vivenciei momentos de encantamento, de angústias, de felicidade e, muitas vezes, duvidando que conseguiria chegar até o *grand finale*, mas cá estou. E posso dizer que foi uma obra intensa, me encantou, me enriqueceu e com certeza contribuiu com a minha formação pessoal e profissional. Além de que, me constituir como pesquisadora, me fez entender, assumir e defender os pressupostos daquilo que pesquiso.

Esta obra me fez olhar mais uma vez para a vida, e compreender o valor de estar em contato com a arte, de entender o ser humano como inteiro, como ser que aprende com todo o corpo, e me fez viver mais atenta àquilo que eu sinto.

Pensar em educação depois dessa pesquisa é defender uma educação pautada na sensibilidade, na solidariedade, no coletivo. Ter a certeza que afeto e cognição são indissociáveis e por isso, a educação deve começar pela experiência.

Entendo que a primeira lição que essa pesquisa traz é **a importância da arte como linguagem de expressão de sentimentos para o sujeito**, e especificamente a dança para esta pesquisa. Como foi possível perceber nas narrativas analisadas, através da dança aquilo que não era possível ser verbalizado era expresso pelo resto do corpo. Evidenciando a potência e a necessidade da arte como expressão.

A segunda lição aprendida foi a de que **afeto e cognição são indissociáveis**. Desse modo, pela experiência estética, por aquilo que toca o sujeito é que ele aprende. E nesse sentido, a dança aparece como potente,

pois ao dançar usa-se todo o corpo e somente por ele é possível se experienciar algo, se afetar e assim, aprender.

A terceira lição aprendida diz respeito à **potência da arte para o sujeito**. Por ela se experiencia o mundo de maneira ativa, de modo inteiro, percebendo a si e ao mundo, e por ela é possível ter uma experiência vivida e estética.

A quarta lição está relacionada à **necessidade de ter na escola uma educação mais sensível, que desperte o encantamento e oportunize espaços para que os sujeitos compreendam a si como parte do mundo**. Dessa maneira, entendo que as professoras têm como compromisso de possibilitar esses espaços, porém para isso, elas também precisam estar sensíveis e acreditar em uma educação que comece pelos sentidos.

Por fim, o que também levo de lição dessa pesquisa é que **uma educação sensível deve levar em consideração a trajetória dos sujeitos envolvidos, a subjetividade de cada um, e que a arte é imprescindível para esse processo de conhecimento**.

Eu trouxe a dança como escolha por conta da minha trajetória relacionada a ela, porém entre as lições aprendidas que resultaram dessa pesquisa, a mais relevante diz respeito à **potência e necessidade de uma formação do sujeito que esteja atrelada a experiência com a arte**.

Espero que esta peça, que para mim foi uma experiência, inspire professoras a buscar uma formação mais humana, artística, sensível, ampliando sua forma criativa de perceber e estar no mundo.

As cortinas se fecharam e aquilo que ficou.... cada um sabe dentro de si.

Bibliografia:

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação estética para jovens e adultos: a beleza no ensinar e no aprender.** São Paulo: Cortez, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994. (publicação original em 1985).

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) **A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2002.

CAMARGO, Denise de and BULGACOV, Yara Lúcia Mazziotti. **A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica.** Psicol. estud. [online]. 2008

FERREIRA, Luciana Haddad, PIERINI, Adriana Stella, PREZOTTO, Marissol e AFFONSO, Bianca Fiod. **Narrativas e formação docente: autoria, criação e partilha de saberes.** IN Revista Estreia Diálogos ISSN 2183-8402. Lisboa, Portugal. V.2, N.1 Julho / 2017.

FERREIRA, Luciana Haddad. **Dos seixos e das conchas.** In FERREIRA, Luciana Haddad. (org.) Arte de olhar: percursos em Educação. Campinas: Ílion Editora, 2011.

_____ **Educação estética e prática docente: exercício de sensibilidade e formação.** Tese (Doutorado). Campinas: FE / UNICAMP, 2014

FRANÇA, R. C. **O registro poético na formação inicial de professores ,** 2017.Dissertação de Mestrado (Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadualde Campinas – UNICAMP. Campinas – SP, 2017.

GAGLIARDI, P. **Symbols and artifacts: Views of the corporaet landscape.** Berlin: Walter de Gruyter, 1990.

GINZBURG, C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia.** São aulo: Companhia das Letras, 2009.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de Experiência.** In Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Jan/Fev/Mar/Abr 2002 n.19.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processo psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas: Vol. 3.** Madrid: Visor, 1995.
(publicação original em 1931)

Anexos:

NARRATIVA 1 - MAÍRA

O corpo, o espaço e tudo o que entre eles há

As mãos que redigem esta narrativa, antes de pertencerem à uma pedagoga que maneja com maestria o giz, a caneta, os materiais não estruturados, as fraldas, os planejamentos de aulas, os documentos e diretrizes nacionais da Educação e etc, são mãos que percorreram outros caminhos. Não foram caminhos retilíneos, muito pelo contrário, percorreram caminhos que não são nada objetivos, diretos ou vincados, mas passeiam e exploram múltiplas formas de se ligar o ponto (A) ao ponto (B). Alguns chamam isso de desperdício de energia, outros de desperdício de tempo, ou ainda, falta do que fazer. Outros, como eu, chamam isso de arte. Mais especificamente: dança.

Muito antes de me sonhar pedagoga, me sonhei ginasta. Após 10 anos de treino de Ginástica Rítmica (dos 7 aos 17 anos) minha relação como espaço foi totalmente formada compreendendo que andar sobre duas pernas e se locomover em linha reta é apenas uma, dentre as incontáveis possibilidades que temos para locomoção. Todas as possibilidades de movimento contabilizadas pela possibilidade de articulação de cada parte do corpo demonstra um número demasiadamente grande de movimentações possíveis para um indivíduo se locomover. Por conta da busca em alta performance na Ginástica Rítmica sempre busquei formação e aperfeiçoamento em diversas danças. Cada uma me proporcionou contato com novos ritmos, rítmicas, estéticas, figurinos, referências culturais, folclóricas, contextualização histórica e etc; como se cada distinto movimento assimilado pelo corpo me fizesse entender que há muito mais mundo no mundo do que o recorte de tempo-espaço em que eu nasci e cresci.

Essa forma de se relacionar com o mundo não se encerrou quando os sonhos de ginasta deram lugar à formação em Pedagogia. O meu tornar-se professora deu-se a partir de um corpo que lê e se relaciona com o espaço,

compreendendo que muito do que aprendemos nos atravessa antes corporalmente e afetivamente do que cognitivamente. Uma breve vivência de observação com crianças permite que se perceba que a leitura de mundo delas se dá a partir da experimentação deste corpo que as contem com o espaço que as rodeia.

Além da dimensão corporal na educação da criança, identifico em minha experiência com a dança que os infinitos caminhos que meu corpo pode percorrer entre os pontos (A) e (B) também são possíveis de ser interpretados nas tomadas de decisão constantes que um professor tem que fazer no cotidiano escolar. Ao contrário do pensamento corrente, *improviso* não é criar do nada, mas criar a partir de tudo o que se conhece. Sendo assim, a formação inicial e continuada do profissional da educação é bastante importante, mas se dá principalmente em contato com o outro, na relação estabelecida entre os pontos, sejam estes pontos as pessoas, os profissionais da escola, os familiares, a comunidade, o conhecimento, ou qualquer outros pontos que se defina; compreendendo sempre que as possibilidades de ação são múltiplas, e decididas a partir do repertório que este profissional carrega consigo.

NARRATIVA 2 – JADE

Quem dança sabe como é difícil transpor em palavras as diversas sensações que nos tocam ao percebermos nosso corpo em movimento. Eu já tentei algumas vezes, seja em versos, poesia ou palavras soltas, mas confesso que não me senti totalmente contemplada em nenhuma delas. Por tanto, desta vez, escolhi não falar sobre as sensações imensuráveis e inexplicáveis que me permeiam ao dançar, e sim, contar um pouco sobre o que elas fizeram comigo.

Muito mais do que a dança em si, são essas sensações as quais me refiro que foram capazes de me transformar e, ao meu ver, o mais especial em tudo isso, é que elas não me tocaram a qualquer momento, tampouco em qualquer movimento. São em instantes singulares e memoráveis que elas veem e me preenchem, aproximando-me da minha mais pura essência,

trazendo toda a vivacidade que se encontra dentro de mim e fazendo-me compreender. Apenas compreender.

Essas compreensões ultrapassam o palco e se refletem em diversos aspectos da minha vida, desde os mais sutis até os mais decisivos. Além de bailarina, também sou professora e, sem dúvida, nessa esfera de minha vida, as transformações que a dança me proporciona se fazem essenciais. A maneira como percebo os corpos e espaços dialoga com noções próprias que minhas experiências no palco. Meu olhar para as diversas formas pelas quais as crianças se expressam, bem como os espaços se fundem, seja dentro ou fora da sala de aula, também é tido através de lentes dançantes.

Assim, as sensações experienciadas por meu “eu bailarina” conversam com o meu “eu professora”, me fazendo ser quem eu sou, interferindo na maneira que minhas relações se constroem e transformando meu jeito de agir e perceber o mundo.

NARRATIVA 3 – RAPHAELA

Pensar a dança na minha formação me faz compreender o lugar de importância em que ocupa na minha vida. Desde muito pequena me vi envolvida em diversas modalidades de dança, até encontrar a dança do ventre, tal qual me identifico profundamente. Fui, desde então, desenvolvendo cada parte da minha personalidade e do meu íntimo dentro da dança.

A arte da dança, enquanto espaço de expressão e de sensibilização, me trouxe um olhar para as sutilezas de cada indivíduo. A transformação que a dança me permitiu viver, veio de um lugar muito íntimo e delicado dentro de mim, minhas inseguranças e minhas certezas, tais quais eu não conseguia expressar foram ficando mais acessíveis, mais leves e palpáveis. A função terapêutica que a dança me propicia é também um meio de comunicação entre o que há dentro de mim, que em palavras não conseguia expressar.

Assim, posso dizer que a dança constitui minha formação enquanto indivíduo e, por conseguinte, contribui de forma muito positiva no meu agir

cotidiano. Penso que a minha atuação enquanto educadora requer que eu esteja - de corpo e alma - sensível e atenta às nuances e sutilezas que as crianças trazem, para que eu possa mediar os processos pedagógicos com a garantia de que cada indivíduo tenha assegurado o seu direito mais amplo de expressão. Para tanto, é preciso que eu, enquanto educadora, esteja segura para propiciar e trabalhar esse espaço de expressão com responsabilidade e cuidado.

É nesse sentido que a dança se encontra com a minha formação, trazendo uma bagagem de experiências que mostra a importância desses processos e me permite agir com clareza. Por fim, a dança enquanto arte não me deixa esquecer da importância de oportunizar espaços em que os indivíduos possam trabalhar o gesto criador e expressarem-se através dessa ponte comunicativa que é a arte em toda a sua amplitude.

NARRATIVA 4 – CARLA

Atriz que dança!

Uma atriz que dança, é assim que me defino. A dança me compôs desde pequena, com aulas de balê, jazz e flamenco. Sem dúvida minha trajetória artística é marcada pelo ritmo da dança no tempo de cada passo, no compasso e nas melodias das músicas. É isso o que a dança nos proporciona, equilíbrio corporal, noção de ritmo e de tempo musical, percepções necessárias para todos nós.

Quando a criança entra em contato com seu corpo e seu próprio ritmo, ela compreende o espaço que ocupa e a forma como se movimenta, e isso vai ajudá-la a se compor em diversas etapas de sua vida: falando para um grande ou pequeno público, em situações cotidianas como num ônibus apertado, andando em calçadas lotadas, em eventos onde se está no foco dos olhares de

todos, enfim, entender o corpo e suas proporções nos ajuda a nos colocar nos espaços que precisamos ocupar, de forma coerente respeitando os limites dos outros corpos ao redor. Esse aprendizado raramente vemos nas escolas, e nos deparamos no dia-a-dia com adultos sem noção alguma do espaço que ocupam, roubando e atravessando os limites do próximo por pura falta de percepção de si mesmo.

Em sala de aula, as concepções de ritmo, melodia, coordenação motora, espaço e tempo que a dança me proporcionou, são essenciais para uma aprendizagem completa, onde corpo e a mente atuam como um só. Cada gesto constrói papéis e formas de ser e estar no mundo, desde muito precocemente.

A percepção de toda essa gama de comunicação que constrói parte de nossas relações, serve para refletirmos a importância da necessidade de qualificação dos profissionais, como propulsores do refinamento na habilidade de reconhecer o próprio corpo.

NARRATIVA 5 – SIMONE

A dança e minha formação.

Desde pequena gostava de imitar as bailarinas da televisão. Nas festas da família, quando criança, sempre me acabava de tanto dançar e na juventude, nos clubes e bailes da região, não era diferente.

Mas a dança se fez presente na minha vida para valer aos 28 anos, quando tive a oportunidade de realizar um sonho da infância: fazer aula de dança, beste caso aulas de Balé Clássico.

A busca por superação nas aulas sempre foi um desafio, limitações físicas devida a idade avançada para esse tipo de prática corporal, desconstruir posturas e reconstruir hábitos e gestos para comunicar sentimentos através dos movimentos corporais acabou se tornando um aprendizado para corpo e para a alma.

Foram muitos espetáculos: Saltimbancos, Dom quixote, O lago do cisne, Copélia, Pinóquio, A bela adormecida, Sonhos de uma noite de verão entre outros. Em cada um deles novas aventuras e dificuldade a serem vencidas.

No Balé Clássico o corpo de baile é muito importante para manter as conexões entre uma cena e outra da história contada. A fluidez dos movimentos desse grande grupo precisa estar sincronizada e cada componente depende do outro para se conectar. A parceria entre as bailarinas é fundamental para uma execução perfeita dos passos.

Fazer parte do corpo de baile exige concentração, mas muita concentração no movimento do outro, no corpo do outro e no tempo do outro.

Um corpo de baile se resume a busca da sincronia de corpos e mentes. Mais do que olhar pra si mesma é preciso olhar as outras.

A dança no entanto acabou por me transformar não só de dentro para fora, mas de fora para dentro também. Me fez entender que cuidar da saúde do corpo significa cuidar da saúde da mente.

Nesta perspectiva me peguei planejando diversas ações na sala de aula e fora dela com as alunas e alunos das escolas que trabalhava.

Algumas dessas ações saíram no planejamento e ganharam formas e cores em apresentações de dança na escola. Outras se tornaram mais uma rotina em sala como relaxamento pós prova ou alongamento pré aula.

Enfim, estratégias da dança que acabam por ocupar os espaços das salas de aula e do pátio escolar.

Com essas pequenas ações acabo por me conectar melhor com as alunas e os alunos das escolas por onde passo. A dança tem sido na minha carreira profissional um apoio mental e corporal para melhorar o trabalho cotidiano com a criança, seja na escola pública ou privada, pois mais do que educar e libertar a mente precisamos educar e libertar o corpo desses jovens tão reprimidos por uma sociedade violenta e opressora.

NARRATIVA 6 – MARIANA

O mundo acaba hoje e eu estarei dançando

Dancei meus sentimentos quando não pude mais suportá-los e contê-los apenas em meu interior. Apresentei um segredo que poucos compreenderam, mas ali estavam as dores e alegrias que calejavam meu peito e meus pés.

Encontrei na dança mais do que uma forma de me exercitar, encontrei pessoas inestimáveis e também aquelas que, de forma nada amigável, contribuíram para o meu crescimento. Passei por caminhos difíceis e dóceis, mas principalmente, foi nos palcos e salas de dança que encontrei um local onde podia expressar tudo aquilo que estava em meu coração.

Comecei muito cedo a dançar, aos quatro anos fiz minhas primeiras aulas de Ballet, e foi naquele momento que eu compreendi porque eu não apreciava ouvir música clássica, porque eu precisava dançá-la. Aos nove anos passei a me aventurar também nas aulas de Jazz dance e sapateado, mas não passei mais de um ano em nenhum deles, meu território confortável estava no ballet clássico. Foi somente nele que meu território de formação se misturou, pude contrastar tudo aquilo que minha educação formal e não formal haviam construído em mim até então. Minha professora de Ballet era também professora da educação infantil, pessoa aliás que teve sua parcela de responsabilidade pelo caminho que hoje sigo.

Foi no Ballet que me vi concretizando meu sonho pela primeira vez: tornar-me professora. Passei a dar aulas para crianças de 4 a 5 anos e foi um dos períodos mais mágicos da minha vida, tive minha primeira turma, as primeiras lições de como ser bailarina e professora ao mesmo tempo, mas principalmente pude acompanhar aquelas crianças ao longo do seu processo de reconhecimento com a dança.

Porém infelizmente o tempo passa e acabei por ser tomada por demasiadas tarefas da educação escolar do ensino médio, para que pudesse concretizar meu sonho de lecionar em salas de aula. Foi assim que me vi nas palavras de Maria Gadú:

“Quando já não tinha espaço, pequena fui
Onde a vida me cabia apertada
Em um canto qualquer acomodei
Minha dança, os meu traços de chuva[...] “

Maria Gadú

Foi naquele momento que essa fase da minha vida se encerrou, e desta forma eu nunca pude viver da dança, mas a dança vai sempre viver em mim. E nos saltos e piruetas que a vida dá, hoje trilho para outro tipo de palco que toca diferentes melodias e me ensina a cada dia um novo passo de dança e uma nova forma de celebrar o que sou e o que faço.